



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 14/08/2015

BRASIL	2
Escasos movimientos en el mercado de la carne mantiene estables los precios de la hacienda.....	2
Exportaciones del mes de julio de 2015: mayor valor facturado del año.....	2
Abrafrigo: Principales destinos reducen sus compras de carnes brasileñas.....	3
Lobby de ganaderos en el Congreso obstaculiza la apertura del mercado estadounidense.....	4
JBS estima que Brasil recién accederá a EE.UU. en 2016.....	4
Depreciación del yuan afectó a commodities pero por el momento no a las operaciones brasileñas de carnes.....	5
Myanmar: aprobó certificados sanitarios para carnes bovinas y aves.....	5
CNA Producción de carne bovina aumentaría 20 por ciento en 2015.....	5
Incertidumbre afecta los planes de confinar hacienda vacuna.....	5
Ganaderos de Mato Grosso piden discutir cobranza de ICMS.....	6
Paraná lanzó programa de calidad de la carne.....	6
URUGUAY	7
Estabilización en precios del ganado gordo, se habrían dejado atrás los valores récords.....	7
Esperan mayor oferta de ganado para faena en setiembre.....	8
Por ahora devaluación china no compromete ventas de carne uruguaya.....	8
Preocupa que la carne dependa tanto de China.....	9
EEU aprobó un nuevo sello de calidad a la carne de Uruguay Reconoce producción sin hormonas, antibióticos y proteína animal.....	9
El CVP aprobó un programa clave para seguir avanzando.....	10
PARAGUAY	10
Rusia suspende a la tercera planta para envíos de carne.....	10
El primer envío de carne a Panamá será de 5.000 Ton.....	10
Atribuyen la suba de precio del ganado a lluvias y a la vacunación Cotización en ferias alcanza pico histórico.....	11
ARP impulsará un programa de carne natural certificada.....	11
UNIÓN EUROPEA	12
RUSIA prorroga barrera a exportaciones comunitarias por doce meses más.....	12
REINO UNIDO crisis lechera induce liquidación de vientres.....	12
ESTADOS UNIDOS	13
Existencias ganaderas aumentarán un 3 por ciento a enero de 2016.....	13
Informe Rabobank: Análisis recomposición del stock luego de la sequía.....	13
Exportaciones restringidas por escasa oferta y reducida competitividad en el primer semestre de 2015.....	14
Firmeza del dólar y elevados precios complican exportadores estadounidenses de carnes vacunas.....	15
OMC fija una audiencia para arbitrar en el conflicto planteado por Canadá y México por las normas de rotulado de origen (COOL).....	15
AUSTRALIA	15
Australia mejora sus exportaciones de carne vacuna a Estados Unidos.....	15
Valor exportado hacia la UE en 2014/15 creció un 17 por ciento.....	16
Exportaciones de menudencias: EGIPTO principal mercado para los hígados.....	16
INDONESIA incrementó la cuota de importación de hacienda en pie.....	16
INDIA	16
Lidera mercado mundial de carnes bovinas, superando a BRASIL.....	16
Crece las acciones de grupos religiosos para proteger al Ganado bovino.....	17
VARIOS	18
CANADA: precios estimulan el crecimiento de las existencias de vacunos.....	18
RUSIA: extiende las sanciones para importar alimentos a Albania, Montenegro, Islandia y Liechtenstein.....	19
EMPRESARIAS	19
Marfrig resultados del segundo trimestre reportan una reducción en las pérdidas.....	19
JBS menores ganancias en el segundo trimestre de 2015.....	19
Angus Brasil se prepara para exportar como marca a la Unión Europea.....	20
Tyson cierra planta en IOWA por escasez de hacienda.....	20



BRASIL

Escasos movimientos en el mercado de la carne mantiene estables los precios de la hacienda

Sexta-feira, 14 de agosto de 2015 - A necessidade de reposição dos estoques do varejo aumentou a demanda no atacado esta semana, considerando a carne desossada.

Esse cenário aumentou a movimentação no mercado e conferiu firmeza aos preços da carcaça, que permanecem estáveis em R\$9,45/kg, considerando o boi casado de animais castrados.

As vendas estão regulares, mas os estoques estão mais enxutos, o que colabora com a manutenção das cotações.

Os frigoríficos compram os animais aos poucos, devido aos abates menores, de maneira geral, fazendo com que a movimentação das compras de animais terminados seja lenta.

Em São Paulo a referência para a arroba do macho terminado ficou estável em ambas as praças.

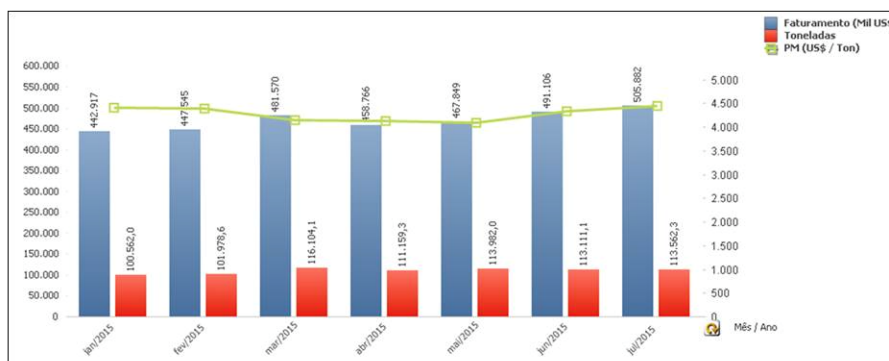
Em algumas regiões há dificuldade de compra pela escassez de animais provenientes de pasto e pelo ainda pequeno volume de bovinos confinados. Isso gerou elevação das cotações em oito praças.

O consumo regular limita altas mais expressivas, mesmo com a oferta reduzida de animais.

Exportaciones del mes de julio de 2015: mayor valor facturado del año

Fonte: Abiec, adaptada pela Equipe BeefPoint. 12/08/15 - por Equipe BeefPoint

As exportações de carne bovina brasileira em julho atingiram seu maior faturamento do ano: US\$ 505,8 milhões, com embarques de mais de 113,5 mil toneladas. Em julho, o mercado também apresentou um crescimento, tanto em faturamento (3%) como em volume (0,4%), quando comparado com o mês anterior (junho/2015).



O grande destaque do mês de julho foi a China, que desde a abertura (em meados de junho) vem se confirmando como um grande mercado para a carne brasileira. O país já ocupa a quarta posição entre os maiores importadores do produto nacional. Em julho, foram embarcadas mais de 11 mil toneladas de carne ao país chinês, registrando um faturamento de US\$ 57 milhões. Pela primeira vez no ano, a Venezuela ocupa a primeira posição entre os grandes importadores, com faturamento de US\$ 81 milhões.

Posição	País	Faturamento US\$ (julho/2015)	Volume em toneladas (julho/2015)
1	VENEZUELA	81.538.474,00	14.054,48
2	EGITO	59.671.261,06	16.958,61
3	UNIÃO EUROPÉIA	59.377.125,55	9.105,70
4	CHINA	57.268.665,00	11.404,07
5	RUSSIA	56.425.499,92	15.686,82
6	HONG KONG	42.602.606,40	12.754,76
7	IRÃ	39.377.536,00	9.616,15
8	CHILE	22.806.619,32	4.612,66
9	ESTADOS UNIDOS	22.212.755,00	2.310,31
10	EMIRADOS ÁRABES UNIDOS	7.929.892,37	1.527,79

No acumulado do ano (janeiro a julho), as exportações de carne bovina atingiram US\$ 3,2 bilhões em faturamento. No período, foram embarcadas mais de 770 mil toneladas de carne. Mesmo com a recuperação apresentada nos últimos meses, o resultado ainda se mantém inferior ao mesmo período de 2014, com queda de 19% em faturamento e 15% em volume. Mais uma vez, a China é destaque – em um mês e meio de embarques, e já está entre os 10 maiores importadores no ano.



Posição	País	Faturamento US\$ (jan-julho/2015)	Volume em toneladas (jan-julho/2015)
1	HONG KONG	658.476.747,01	171.429,00
2	UNIÃO EUROPEIA	419.912.030,85	62.255,66
3	RÚSSIA	373.939.682,07	111.492,52
4	EGITO	368.340.544,82	109.450,71
5	VENEZUELA	331.403.480,84	58.149,05
6	IRÃ	226.819.915,94	59.129,14
7	ESTADOS UNIDOS	186.442.630,38	20.263,20
8	CHILE	140.059.667,88	28.913,94
9	CHINA	77.393.663,00	15.140,43
10	ARGÉLIA	60.973.981,39	14.189,78

A ABIEC – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne prevê uma melhora dos resultados do segundo semestre em comparação com o primeiro deste. “A China já se apresenta como um grande mercado, o que nos permite manter essa perspectiva. Somado a este cenário, com o fim do Ramadã (mês sagrado para os muçulmanos), a expectativa aumenta para a abertura do mercado da Arábia Saudita. Com isso, vamos manter nossos esforços para chegarmos aos mesmos patamares de exportações registradas em 2014”, afirma Antônio Jorge Camardelli, presidente da ABIEC.

Categorias – A carne in natura seguiu como a categoria de produtos mais exportada no mês de julho, com faturamento de US\$ 417 milhões, seguida da carne industrializada com US\$ 53 milhões de faturamento.

Posição	Categoria	Faturamento US\$ (julho/2015)	Volume – ton. (julho/2015)
1	In natura	417.274.202,00	90.857,50
2	Industrializada	53.202.423,85	8.494,48
3	Miúdos	30.131.465,73	12.441,83
4	Tripas	5.124.615,71	1.742,08
5	Salgadas	149.521,92	26,43

Abrafrigo: Principales destinos reducen sus compras de carnes brasileñas

10/08/15 - por Equipe BeefPoint A maioria dos países compradores de carne bovina brasileira reduziu ou parou de importar produtos do País em 2015. Os embarques diminuíram ou cessaram para 86 dos 139 destinos comerciais entre janeiro a julho, em comparação com o mesmo período de 2014. Destes 86, que representam 62% do total de clientes, 14 não negociaram volumes este ano, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), compilados pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), e incluem derivados bovinos.

Os embarques foram reduzidos para três dos maiores importadores: Rússia, Hong Kong e Venezuela, o que afetou significativamente os resultados de exportação nos primeiros sete meses do ano. A Rússia comprou 111.492 toneladas (-39,5%) a US\$ 373,9 milhões (-50,8%) e a província semiautônoma chinesa demandou 152.842 toneladas (-37,1%), pagando US\$ 152,8 milhões (-31,7%). Já a Venezuela, que enfrenta uma crise econômica e a queda dos preços internacionais do petróleo, sua principal commodity, diminuiu as compras em 41,5%, para 58.149 toneladas, que resultaram em receita de US\$ 331,4 milhões (-37,5%) ao Brasil.

No acumulado do ano até julho, o País exportou 746.902 toneladas (-17%), com faturamento de US\$ 3,198 bilhões (-21,4%). No mês passado, foram vendidas 111.835 toneladas, queda de 23% ante o mesmo mês de 2014, com receita cambial de US\$ 498,2 milhões (-28%). Por outro lado, as compras diretas feitas pela China continental alcançaram 15.140 toneladas, com faturamento de US\$ 77,4 milhões, ante desempenho praticamente nulo no mesmo período do ano passado.

Apesar disso, a Abrafrigo, em nota, destaca que o movimento “não compensou a redução observada nas compras de Hong Kong neste ano”. Mesmo com a retração, a província segue na liderança dos principais destinos da carne bovina brasileira, seguida pela Rússia e o Egito, que ultrapassou a Venezuela, agora quarta colocada.

De janeiro a julho, os embarques caíram 25,3% em volume e 27,5% em faturamento em São Paulo, principal Estado exportador do País, totalizando 188.597 toneladas a US\$ 878,9 milhões. Somente Maranhão e Rio de Janeiro aumentaram sua exportação no período, para 1.793 toneladas (+153%) e 2.139 toneladas (99%), respectivamente. Juntos, no entanto, os Estados correspondem a apenas 0,5% do total vendido ao exterior.

Los mayores clientes de Brasil reducen sus importaciones



12 de agosto de 2015 Los mayores clientes de Brasil reducen sus importaciones

En forma significativa, los embarques de carne bovina disminuyeron o cesaron a 86 de los 139 destinos comerciales entre enero y julio en comparación con el mismo período en 2014. De estos 86 que representan un 62 % del total de clientes, 14 ya no negociarán volúmenes en el resto del año, según datos arrojados por el Ministerio del Desarrollo, Industria y Comercio Exterior.

Hong Kong, líder en las importaciones de carne bovina brasileña, importó 152.842 toneladas (-37 %) y pagó US\$ 152,8 millones. Rusia compró 111.492 toneladas (- 39,5 % menos) a US\$ 373,9 millones (-50,8 %).

La fuerte crisis económica que golpeó a Venezuela, sumado a la queda de los precios del petróleo, generó una disminución de las compras de un 41,5 % para 58.149 toneladas.

Hasta el julio, el acumulado indica que Brasil exportó por 746.902 toneladas (- 17 %), con una facturación de US\$ 3.198 millones (- 21,4 %). El mes pasado se vendieron 111.835 toneladas, una queda de 23 % sobre julio de 2014.

Mientras tanto, las compras directas de la China alcanzaron las 15.140 toneladas, con una facturación de US\$ 74 millones, ante un desempeño nulo durante el año pasado, aunque dicho comportamiento no compensó la reducción de la compras de su provincia sub-autónoma, Hong Kong.

De enero a julio, San Pablo principal Estado exportador del país, exportó 188.597 toneladas a US\$ 878,9 millones. Solamente Marañón y Rio de Janeiro aumentaron sus exportaciones en el período para 1.793 toneladas (153 %) y 2.139 toneladas (99 %) respectivamente.

Lobby de ganaderos en el Congreso obstaculiza la apertura del mercado estadounidense

14/08/15 - por Equipe BeefPoint O início das exportações de carne bovina in natura do Brasil aos EUA enfrenta obstáculos no Congresso americano, depois de ter sido liberada no fim de junho pelo governo do presidente Barack Obama. Iniciativas no Senado e na Câmara dos Deputados, exigindo avaliações adicionais dos riscos da compra de carne do Brasil e da Argentina, podem adiar "potencialmente por anos" a entrada do produto brasileiro no mercado dos EUA, segundo avaliação do Escritório da Administração e Orçamento (OMB) da Casa Branca.

Resultado da pressão do lobby dos produtores americanos, as comissões de dotação orçamentária do Senado e da Câmara dos Deputados incluíram emendas aos projetos que tratam dos gastos do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) no ano fiscal de 2016, requerendo medidas adicionais para verificar qual a possibilidade de a importação do produto brasileiro levar febre aftosa para os EUA. A versão aprovada pela comissão da Câmara prevê até mesmo novas visitas do USDA a unidades de abate e processamento de carne no Brasil e na Argentina.

As propostas, porém, ainda precisam passar pelo plenário das duas casas, e o tradicional impasse fiscal entre democratas e republicanos sugere que são grandes as chances de não haver um acordo sobre o orçamento para o próximo ano fiscal, que começará no mês de outubro.

O lobby do setor pecuarista mostrou sua força, ao conseguir que as comissões de dotação orçamentária do Senado e da Câmara incluíssem medidas que bloqueiam a implementação das regras que tornam possíveis as compras de carne do Brasil e da Argentina. Segundo uma fonte que acompanha o assunto, a alegação do risco de introdução da aftosa é "protecionismo disfarçado", já que a possibilidade é irrisória e o USDA fez várias visitas ao Brasil – em 2002, 2003, 2006, 2008 e 2013 – para atestar a eficácia do programa brasileiro contra a doença.

JBS estima que Brasil recién accederá a EE.UU. en 2016

Fri, Aug 14, 2015, SAO PAULO, Aug 14 (Reuters) - Brazilian meatpacker JBS SA expects fresh beef exports to the United States to begin no earlier than 2016, later than the Brazilian government predicted, Chief Executive Officer Wesley Batista said on Friday.

An agreement between the two countries was signed in June, when Brazilian President Dilma Rousseff visited Washington, but Batista said it would take time to work through bureaucratic approvals and overcome resistance from U.S. cattle producers.

"I never thought this would be an easy, simple deal," Batista told analysts on a call to discuss second-quarter earnings. JBS is the world's largest beef exporter.

Brazil's agriculture ministry had said exports could begin in August for the first time in 15 years. The U.S. Department of Agriculture took the first steps towards allowing imports in late June, but additional actions are required.

A green light for fresh beef shipments to the United States could help Brazil gain access to other key markets, such as Japan and South Korea, which have banned all beef imports since a mad cow disease scare in late 2012.

The World Animal Health Organization has maintained Brazil's status as a country with an insignificant risk of the disease. Brazil is already a steady exporter of cooked beef that appears in items such as canned corned beef to the United States.



JBS expects 2 percent more cattle to be available for slaughter in the United States in 2016 than this year, and cattle prices are falling because of the expected uptick in supply, Batista said.

Shares of JBS fell 2.9 percent in Sao Paulo the day after the company reported a 68.5 percent drop in second-quarter net profit to 80 million reais (\$22.7 million) from a year earlier.

Executives said they were confident of regulatory approval for JBS's \$1.45 billion purchase of Cargill Inc's U.S. pork business, a deal that would make it one of the largest and most powerful meat companies in the United States.

Depreciación del yuan afectó a commodities pero por el momento no a las operaciones brasileñas de carnes

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 12/08/15

A desvalorização de 1,9% no valor do yuan em relação ao dólar, anunciada em Pequim, ampliou a pressão sobre as cotações internacionais das commodities e colaborou diretamente para que os contratos futuros mais negociados dos principais grãos na bolsa de Chicago registrassem quedas superiores a 2%.

Analistas não acreditam que a China reduzirá suas importações de produtos básicos para a alimentação humana e animal por causa da desvalorização do yuan. Mas sabem que os importadores do país tirarão o maior proveito possível dessa mudança nas negociações com seus fornecedores, como é comum até no caso de oscilações bruscas de preços.

Cada vez mais importante para os exportadores brasileiros de carne de frango, a China não deverá alterar o padrão – crescente – das importações do produto em razão da desvalorização do yuan, conforme avaliação do vice-presidente de aves da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Ricardo Santin.

Ele disse que a demanda da China por carne de frango brasileira tem se mostrado “muito forte” O aumentando em 41% em volume de janeiro a julho e em 25% em valor, de acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Além disso, ele disse que não é “fácil” substituir o volume hoje comprado do Brasil, maior exportador global.

Sobre as exportações de carne bovina China, mercado que foi reaberto recentemente e ainda é pouco representativo, não há uma avaliação definitiva, mas o diretor-executivo da Abiec, Fernando Sampaio, diz que o Brasil é mais “competitivo” que os principais concorrentes, EUA e Austrália. Hoje, afirma, os preços da carne brasileira são mais baixos. No caso da carne suína, a China é pouco relevante.

Myanmar: aprobó certificados sanitarios para carnes bovinas y aves

10/08/15 - por Equipe BeefPoint O Ministério das Relações Exteriores divulgou nota oficial comemorando a decisão do governo de Myanmar de aceitar os Certificados Sanitários Internacionais para carnes bovinas e de aves propostos pelo Brasil. Na prática, a medida significa a abertura de um mercado de 51,4 milhões de pessoas para as carnes brasileiras e certamente contribuirá para aumento expressivo do comércio entre os dois países.

País de 51,4 milhões de habitantes e PIB de US\$ 244 bilhões – abre consideráveis perspectivas para os exportadores brasileiros. A aprovação dos Certificados confirma a eficácia dos controles sanitários brasileiros, bem como a qualidade e a sanidade do produto nacional, já reconhecida por outros parceiros comerciais.

CNA Producción de carne bovina aumentaría 20 por ciento en 2015

Fonte: Agência Brasil, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 10/08/15 - por Equipe BeefPoint

O Valor Bruto da Produção (VBP) de carne bovina deve chegar ao fim deste ano em torno de R\$ 93 bilhões, conforme estimativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Isso corresponde a um aumento de 19,23 % em relação aos R\$ 78 bilhões do VBP no ano passado.

De acordo com a CNA, as exportações do Brasil neste setor cresceram 737% em 14 anos, passando de US\$ 779 milhões (R\$ 2,7 bilhões a preços de hoje), no ano 2000, para US\$ 6,4 bilhões (R\$ 22,2 bilhões), em 2014.

Números da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) mostram que, no ano passado, o Brasil vendeu carne bovina in natura para 151 países e industrializada para 103 países.

A CNA destaca que a carne bovina é um dos principais produtos do agronegócio brasileiro, presente em praticamente todos os estados. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem no Brasil 2,67 milhões de estabelecimentos agropecuários com bovinos no país. Segundo a CNA, a cadeia produtiva da carne movimentou R\$ 167,5 bilhões ao ano e gera perto de 7 milhões de empregos.

Incertidumbre afecta los planes de confinar hacienda vacuna

13/08/15 - por Equipe BeefPoint As incertezas do cenário da pecuária mato-grossense devem impactar no volume de gado confinado para este ano. Conforme o segundo levantamento das intenções de



confinamento feito pelo Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) a pedido da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acimat) os pecuaristas voltaram atrás na decisão de início de ano e informaram que vão reduzir o confinamento de gado neste ano.

Os pecuaristas disseram que vão confinar 620,5 mil animais, volume que representa uma redução de 21,4% em comparação com o primeiro levantamento deste ano, quando os produtores pretendiam confinar 789,6 mil animais. A quantidade projetada para 2015 também é menor do que foi registrado em 2014, de 636,6 mil animais.

Apesar da queda, 60,6% afirmaram que irão confinar em 2015, por já terem adquirido mais de 80% dos insumos necessários para a atividade. Para o superintendente da Acimat, Olmir Cividini, os pecuaristas estão fazendo as contas e avaliando melhor os riscos da atividade para não ter prejuízos. “A baixa oferta de animais para reposição elevou o preço do boi magro, restringindo a compra de animais para confinamento”, explica. Ele lembra que dependendo da eficiência produtiva do confinamento como um todo pode ser a válvula de escape para o sucesso da atividade em 2015.

Isso significa que ainda é possível obter lucro na atividade considerando maiores ganhos de peso por menos tempo de confinamento. Conforme a pesquisa, é preciso, no entanto, considerar melhores condições de manejo do confinamento (nutrição, ambiente, disponibilidade de água, quantidade e qualidade dos tratamentos, etc), explorando ao máximo o desempenho dos animais. .

A região noroeste, onde encontra-se o menor rebanho do Estado (11,4 mil animais), a quantidade de animais para serem confinados aumentou 60%, passando de 7,1 mil para 11,4 mil cabeças. Por outro lado, no nordeste, médio-norte, centro-sul e sudeste do Estado apresentaram significantes reduções na intenção de confinamento. Com isso, a representatividade dessas regiões diminuiu de 79,3% para 69,4%.

Ganaderos de Mato Grosso piden discutir cobranza de ICMS

Fonte: Estadão Conteúdo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 10/08/15 - por Equipe BeefPoint
Pecuaristas de Mato Grosso querem discutir com o governo do Estado mudanças na cobrança do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS).

Depois da unificação da alíquota para todo o setor, os produtores pedem que a cobrança do imposto deixe de considerar a cotação de pauta – estipulada pelo governo com base nos preços correntes na região – e sim o valor da operação.

Olmir Cividini, superintendente da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acimat), disse que o assunto ganhou força depois do fechamento de frigoríficos e em função da baixa oferta de animais para abate.

“O governo estabelece um preço, e em cima desse preço ele faz um cálculo de ICMS. Na pauta a arroba do boi era de R\$ 155, mas no mercado, hoje, estava ao redor de R\$ 125, dependendo da região”.

Segundo ele, o setor fez o pedido ao governo em função da baixa oferta de animais para abate. Ele calculou que no primeiro semestre a oferta de boi gordo caiu 17%.

Semana passada, o governo de Mato Grosso unificou a cobrança do ICMS de frigoríficos, com o objetivo de permitir a concorrência igualitária no segmento. Em entrevista, o secretário de Desenvolvimento Econômico, Seneri Paludo, afirmou que é preciso “melhorar o ambiente de negócios deste setor”, com regras claras para todos.

Antes da alteração, alguns frigoríficos não pagavam o tributo, enquanto sobre outros incidiam alíquotas de 1,8% ou de 3,5%. Agora, a taxa estabelecida a todos é de 2%. Paludo acredita que a mudança vai aumentar a arrecadação do Estado, mas ressalta que a taxa “não tem peso para a cadeia e não será repassada aos consumidores”.

Paraná lanzó programa de calidad de la carne

Fonte: <http://www.agricultura.pr.gov.br>, adaptada pela Equipe BeefPoint. 12/08/15 - por Equipe BeefPoint
O Governo do Paraná e entidades do setor agropecuário lançaram, nesta terça-feira (11), no Palácio Iguazu, em Curitiba, o Programa de Modernização da Pecuária de Corte do Paraná, um conjunto de medidas para fortalecer o setor, ampliar as exportações e tornar o Paraná referência na produção de carne de qualidade. O lançamento foi feito pelo governador Beto Richa e lideranças do setor.

A pecuária bovina de corte representa um ativo importante na pauta de exportações e para o abastecimento do mercado interno. O programa contém medidas para fortalecer e tecnificar o setor e, também, para tornar o Paraná autossuficiente na produção de bezerras. A duração inicial é de dez anos.

“Como o Paraná não é dos maiores produtores de gado de corte do país, nosso objetivo é tornar o estado reconhecido pela qualidade da carne. Vamos apoiar os produtores para uso de novas tecnologias e manejo do rebanho”, afirmou o governador. Ele destacou a importância do setor para economia paranaense e brasileira, em especial no momento de crise econômica nacional.

Na presença de presidentes de sindicatos rurais e pecuaristas, Richa ressaltou a importância do agronegócio e lembrou que o setor garante, anualmente, o superávit na balança comercial brasileira. “O agronegócio cria empregos e tem levado o Brasil nas costas”, disse.



Ele reafirmou o compromisso do governo estadual com o setor e enumerou avanços dos últimos anos, como a criação da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), que atua na adoção de medidas de prevenção e preservação da sanidade da produção agropecuária. “O governo estadual faz o que está ao seu alcance para que o Paraná possa conquistar o reconhecimento de área livre de aftosa, sem vacinação. Isso garantirá mais exportações e renda aos produtores paranaenses”, disse Richa.

O presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep), Ágide Meneguette, agradeceu ao governo estadual pelo suporte técnico e disse que o Paraná tem um grande potencial para aumentar sua produção bovina.

“A meta, no entanto, é melhorar a qualidade da produção. Queremos ser reconhecidos pela qualidade. Vamos investir em novas tecnologias e melhoramentos genéticos para conseguir ingressar em novos mercados, principalmente, o interno. Isso melhorará a economia gerando incremento de renda aos produtores”, avaliou Meneguette

Com o programa de modernização da pecuária de corte, os produtores poderão ter a renda elevada, com aumento da produtividade proporcionada pelo rápido giro do capital investido e do abate de animais mais jovens, através da adoção de tecnologias produtivas mais eficientes.

O resultado pretendido é a produção de carcaças com tipo e padrão de qualidade, adequados às necessidades da indústria, o que permitirá a oferta de carne de qualidade com regularidade e padronização, em conformidade com os requisitos de sanidade e segurança alimentar.

O programa quer viabilizar a cadeia produtiva da carne bovina, desde a produção até a industrialização e comercialização, por meio da integração e cooperação entre todos os envolvidos. Por isso tem forte parceria da iniciativa privada, através da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar).

O pecuarista Rodolfo Botelho, presidente do Sindicato Rural de Guarapuava e coordenador do programa disse que o objetivo não é competir em quantidade com outros estados brasileiros. “Competir com a larga escala seria inviável. Queremos consolidar o Paraná como o melhor produtor de carne do Brasil”, disse.

De acordo com o secretário de Estado da Agricultura e do Abastecimento, Norberto Ortigara, o programa vai incentivar cerca de 56 mil propriedades de bovinos de corte a adotarem modernas técnicas de produção. Isso permitirá que os produtores possam se beneficiar ainda mais do mercado, que está favorável à produção de carnes. “Queremos melhorar muito para que o Paraná seja reconhecido por produzir uma carne macia, suculenta e saborosa”, disse. “O Paraná tem grande potencial para participar das exportações brasileiras, cuja tendência é de elevação. Por isso, o Governo do Estado decidiu apoiar com mais intensidade esse setor”, afirmou Ortigara. A modernização vai refletir no aumento de renda do pecuarista e também preparar o Estado para quando for definitivamente instalado o processo de área livre de febre aftosa sem vacinação.

URUGUAY

Estabilización en precios del ganado gordo, se habrían dejado atrás los valores récords

Agosto 14, 2015 Mayoría de negocios por novillos con máximo en US\$ 3,75 el kilo; hay industrias que no pasan precios y bajan la faena

Los acelerados incrementos de precio para el ganado gordo que caracterizaron a las semanas pasadas dan lugar ahora a un mercado más tranquilo. No hay fluidez de negocios con las referencias de punta de la semana pasada y algunas plantas no están pasando precios. Las lluvias registradas y las altas temperaturas han asegurado rebrotes y los ganados especiales que están prontos no aparecen, esperando lograr mayores precios.

El novillo se negocia entre US\$ 3,70 y US\$ 3,75/kg. Si bien algunos ganados pueden alcanzar los US\$ 3,80, se torna algo cada vez más puntual. Asimismo, algunas plantas pasan precios de US\$ 3,60 para novillos. Por otro lado, las referencias para las vacas se mantienen entre US\$ 3,30 y US\$ 3,35. Hay una acentuada disparidad de precios y entradas de animales a planta. Estas últimas pueden estirarse de 7 o 10 días a 15 o 20.

Las referencias de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) para la semana pasada subieron cuatro centavos en el caso del novillo gordo hasta US\$ 3,81 el kilo a la carne y tres a la vaca hasta US\$ 3,39 el kilo. Mientras que en ovinos los corderos fueron los únicos que aumentaron: un centavo hasta US\$ 3,72. El cordero pesado se mantuvo como la semana pasada en US\$ 3,78, los borregos en US\$ 3,68, capones en US\$ 3,29 y las ovejas en US\$ 3,09.

Pero este lunes los consignatarios opinaron que ahora se dificulta la concreción de negocios con los menores valores propuestos por parte de la industria.

El mercado de reposición se mantiene firme y con poca oferta. Todas las categorías se encuentran demandadas. Pero los valores no han acompañado en la misma proporción a los valores del ganado gordo, y eso se ha reflejado en la relación "flaco/gordo" (cociente entre el precio del ternero y el novillo en pie) que se ubica en los menores niveles del 2015 y en más de cuatro años. En el remate del miércoles



pasado de Plaza Rural las subas de precios fueron marcadas y hubo una alta colocación. El ternero promedió US\$ 2,32, 26 centavos por encima del nivel logrado en el remate anterior del 15 de julio y 7 más en la comparación interanual.

En cuanto a la faena, en la semana que terminó el 8 de agosto anotó su segundo registro semanal consecutivo por debajo de las 40.000 reses. Cabe destacar que los días de operativa se vieron reducidos por el paro general del jueves. Totalizó 34.217 vacunos, 11% menos que en la semana anterior y solo 0,4% menos en la comparación interanual. La faena de novillos cayó un 10% y la de vacas 11% en forma semanal, hasta los 17.143 y 16.443 animales respectivamente. Fue la menor faena de vacas en el año, en tanto la de novillos marcó un mínimo desde comienzos de abril.

Contrariamente, la faena semanal de ovinos se movió al alza y alcanzó los 10.213 animales. El crecimiento respecto al volumen de la semana pasada fue de 7% y la variación anual fue de -43%. La participación de los corderos en el total aumentó a 65% con 6.624 cabezas y la de las ovejas bajó levemente a 30% con 3.073.

Los precios INAC para la semana que cerró el 08 de agosto también aumentaron. El índice para el kilo de novillo aumentó de US\$ 3,760 a US\$ 3,858 y estableció una brecha interanual de 5,5%. El kilo de vaca INAC pasó de US\$ 3,356 a US\$ 3,398 por kilo, nivel 3,6% mayor respecto al de la misma semana de 2014. En el caso del cordero el kilo aumentó desde US\$ 3,723 a US\$ 3,93 y acortó la diferencia negativa a 5%, la mitad que fijó la semana pasada.

Fue una semana con ingresos por exportación al alza. La tonelada de carne bovina subió fuerte, pasó de US\$ 3.719 a US\$ 3.960. Con ese número el promedio de las últimas cuatro semanas móviles alcanzó los US\$ 3.21/ton. De todas maneras se encuentra un 6,4% por debajo en relación al precio del año pasado. En carne ovina la tonelada acumuló otra semana arriba de US\$ 5.000 al pasar de US\$ 5.148 a US\$ 5.360 y el promedio de cuatro semanas llegó a US\$ 5.259, máximo desde setiembre de 2011.

Da la impresión que el pico de precios se ha alcanzado, pero las abundantes lluvias y el rebrote de avenas y praderas mantendrá limitada la oferta.

Esperan mayor oferta de ganado para faena en setiembre

Agosto 11, 2015 También señalan que las categorías jóvenes están muy sentidas por la sequía y demorarán más tiempo en prepararse

El consignatario y rematador Federico Rodríguez dos Santos, que en Cerro Largo dirige el escritorio que lleva el mismo nombre, consideró que en setiembre habrá más oferta de ganado para faena y eso podrá provocar una baja en los actuales precios que se sostienen por una fuerte demanda y oferta escasa.

Pero Rodríguez señaló que no solo hay que considerar los ganados que entraron a praderas, sino también a los más jóvenes, que perdieron mucho peso por la sequía de invierno y demorarán más tiempo en aprontarse. Probablemente esto genere una merma de la oferta en algún otro período, analizó el consignatario.

En la reunión de este lunes de la Asociación de Consignatarios de Ganado se estableció que el precio promedio de los novillos en los negocios realizados la semana anterior fue US\$ 3,81 por kilo en cuarta balanza y US\$ 3,39 para la vaca, que reflejan subas de cuatro y tres centavos respectivamente.

Por ahora devaluación china no compromete ventas de carne uruguaya

Agosto 12, 2015 Es el principal mercado en volumen para las exportaciones cárnicas de Uruguay

La devaluación de China no compromete en principio las exportaciones de carnes uruguayas a ese mercado, sostuvo el broker uruguayo instalado en China, Daniel Castiglioni,

La devaluación china es de casi un 2% pero fue anunciada como una medida excepcional y es considerada como una puesta a punto con relación a la moneda de países emergentes cuyas monedas se han venido devaluando como Brasil y Rusia, explicó Castiglioni entrevistado por el programa Tiempo de Cambio de Radio Rural.

Consultado sobre la incidencia que tiene esta medida con relación a las importaciones de carnes de Uruguay, en el entendido que China es el principal comprador, el brookeri opinó que por el momento no existe ningún cambio.

Lógicamente genera incertidumbre si continúa aumentando la devaluación, pero con los números actuales no estaría afectando en gran medida los negocios de carnes de Uruguay con destino a ese mercado, sostuvo Castiglioni.

Preguntado sobre la oportunidad para otros productos expresó que no ha cambiado la situación para lácteos, en tanto que la demanda por soja está presente pero tiene que ser a un precio conveniente y estable para China.



Preocupa que la carne dependa tanto de China

Agosto 14, 2015 Lo dijo el expresidente de INAC, Roberto Vázquez, en PaysandúEl consultor privado y expresidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Roberto Vázquez Platero, manifestó ayer su preocupación por la alta dependencia de la carne uruguaya en el mercado chino. Señaló que en lo que va de 2015, 41% de la carne vacuna de exportación fue hacia ese destino. El experto participó en la Jornada de la Unidad de Producción Intensiva de Carne (UPIC), de la Facultad de Agronomía, realizada en el salón Egeo, en Paysandú.

Vázquez Platero analizó en profundidad el mercado internacional de la carne. Allí señaló que Australia, Brasil y Argentina iniciarán un proceso de recomposición del rodeo vacuno y por lo tanto retendrán vientres, lo que posiblemente se refleje en una menor faena y en consecuencia es probable que los precios suban. Todo dependerá de la demanda de Estados Unidos, y fundamentalmente de China.

Señaló que cuando el precio de la carne vacuna sube en Estados Unidos, la población consume menos y prefiere las carnes alternativas, por lo tanto analizó que lo que ocurra en China será clave para los precios.

Dijo que China no es un país que le dé muchas certezas y recordó que cuando la bolsa de aquel país cayó, hace unos 20 días, fue por decisión del gobierno. Sostuvo que ese autoritarismo del gobierno chino es un riesgo que le puede dar "un dolor de cabeza" a Uruguay, que está "dependiendo mucho de un solo mercado".

No obstante, el analista consideró que los precios de la tonelada de carne vacuna uruguaya de exportación debería mantenerse en los actuales niveles, salvo que ocurra un imprevisto.

Entre las amenazas del sector señaló la situación de la economía china; el efecto del tipo de cambio en algunos países como Brasil, que pueden disminuir su consumo y aumentar su participación en la exportación; el acceso de Brasil y Argentina a otros mercados como Estados Unidos y China; un aumento de la producción en Argentina; y un aumento del consumo de carnes sustitutas.

Vázquez Platero destacó el excelente posicionamiento de la carne uruguaya, que se ubica como el segundo proveedor de China, situándose solo por debajo de Australia. Además subrayó que en el país asiático la carne uruguaya es consumida por la clase media, que es el sector que más aumenta su consumo. También señaló que por ahora Uruguay se mantiene exportando su carne al mercado de Estados Unidos sin la competencia de Brasil y Argentina, y tiene un buen posicionamiento en la Unión Europea, donde comercializa los cortes de mayor valor.

EEU aprobó un nuevo sello de calidad a la carne de Uruguay Reconoce producción sin hormonas, antibióticos y proteína animal

Agosto 13, La novedad se anunció ayer en conferencia de prensa en el MGAP.

Estados Unidos otorgó una nueva certificación de calidad a la carne vacuna uruguaya, bajo el sistema Never Ever3, que puede asegurar a consumidores exigentes que el producto es libre de hormonas, proteína de origen animal en la alimentación de los ganados y antibióticos.

La certificación surge al mismo tiempo que se prepara una reunión entre los presidentes Tabaré Vázquez y Barack Obama.

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) lidera el proyecto que fuera aprobada por el Departamento de Agricultura de EEUU, (USDA, por su sigla en inglés) y que permitirá que a partir de setiembre se cumpla el primer embarque de esta carne con calidad diferencial, remarcaron el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Tabaré Aguerre, y el presidente de INAC, Federico Stanham.

El titular de INAC dijo que se trata de un plan de certificación voluntario para predios ganaderos y plantas frigoríficas, en aspectos que el país ya trabaja en sus sistemas productivos, que se agrega a los procesos de certificación que se cumplen desde 2004, pero que ahora lo puede garantizar a través de una certificación auditada por EEUU.

Never Ever3 garantiza el no uso de hormonas, proteínas de origen animal en el proceso de crianza –lo que está prohibido por ley– y el suministro de antibióticos. Este último punto es el más relevante dado que en los países desarrollados y particularmente en EEUU existe una fuerte conciencia del consumidor acerca de que el agregado de antibióticos en la dieta animal genera resistencias bacteriológicas que terminan repercutiendo en los seres humanos.

Stanham explicó que la ventaja de este sistema de certificación es que permite agregar la potencia del sistema de trazabilidad que tiene Uruguay. Suele ocurrir que en la crianza y por razones sanitarias, especialmente quirúrgicas, como puede ser una cesárea en las vacas de cría, se requiere el uso de antibiótico, lo cual debe quedar registrado en la historia de ese animal. Al existir la trazabilidad se puede asegurar que el animal no entrará en ese programa comercial que estará etiquetado en EEUU.

Los productores interesados deben estar certificados en el programa de carne natural y pedir la ampliación de esta nueva certificación para lo cual debe ser auditado por una de las empresas registradas por INAC. También los frigoríficos deben estar certificados, así como también los respectivos embarques de carne.



El ministro Aguerre destacó a su vez que esta certificación permitirá comercializar ese tipo de carne a un valor diferente en la medida que se pueden certificar los atributos mencionados.

El ministro resaltó que "existe claramente una corriente de opinión de consumidores que prefiere productos animales que no hayan sido tratados con antibióticos, por lo que esta certificación es una forma más de diferenciar nuestra producción. Tenemos razas británicas, producción básicamente pastoril, certificación de los tres factores señalados y la trazabilidad".

El CVP aprobó un programa clave para seguir avanzando.

13/08/2015 - El Comité Veterinario Permanente (CVP) aprobó el documento impulsando el Plan de Acción Mercosur Libre Aftosa III (Pama III), cuya meta es erradicar dicha enfermedad de toda América en el 2020. El proyecto le da continuidad a las acciones que se desarrollaron en los últimos cinco años para mantenernos libre de ese flagelo sanitario.

"Creíamos que es absolutamente imprescindible y en ese sentido se estuvo trabajando en el CVP con un equipo que puso el Servicio Nacional de Sanidad (Sanasa) al servicio de la región, para elaborar el proyecto según las normas que exige el Mercosur que es el que pone los recursos", explicó el presidente pro t mpore del CVP, Francisco Muzio.

El Pama III insumirá un total de US\$ 27.807.000 con una contrapartida de casi US\$ 5 millones. Sin embargo, luego se irán agregando otros US\$ 5 millones por cada país, lo que da un total para los cinco años de US\$ 37.727.000.

Participarán del PAMA III los país del Cono Sur menos Chile que lo va a hacer en algunas actividades para las que pondr  fondos propios. "Para Brasil, Uruguay, Paraguay, Argentina y Bolivia es absolutamente fundamental en los próximos cinco años para asegurar lo que se conquistó hasta ahora en materia de fiebre aftosa", asegur  el presidente del CVP en rueda de prensa.

Entre otros temas, en el reciente encuentro de Buenos Aires también se analizó la incorporación de Venezuela al CVP, proceso que est  en "una fase avanzada".

La meta de la región será apoyar a Venezuela con cooperación técnica buscando eliminar las diferencias sanitarias con los demás países.

Muzio también informó acerca de la preocupación de la región por la gripe aviar, que hoy tiene presencia en América del Norte, por lo que se preparan acciones de prevención y monitoreo más pormenorizado de las aves migratorias en la región.

PARAGUAY

Rusia suspende a la tercera planta para envíos de carne

12 de agosto de 2015 Rusia, nuestro principal mercado de la carne bovina, suspendió al frigorífico San Antonio (Frisa SA) para la exportación cárnica y junto con Agrofr o de Limpio y la planta de Asunción del frigorífico Concepción ya suman tres los inhabilitados por el ente sanitario de dicho país euroasiático, según se puede comprobar en la página oficial <http://www.fsvps.ru>.

A su vez, Rusia aplicó mayores controles sanitarios con el "código amarillo" sobre la planta de la Cooperativa Neuland Ltda. de Mariano Roque Alonso, Frigorífico Concepción (planta de Concepción), Industria Paraguay Frigorífica (Ipsa) y el Frigorífico Prime SA. Según la información, el "código amarillo" significa que se aumenta la vigilancia de laboratorio; la exportación de carne es posible, pero se toman muestras para análisis microscópico de cada partida de carne exportada.

Entre las plantas que recibieron mayor control de parte de Rusia también se encuentra la de Mariano Roque Alonso del Frigorífico Concepción, que posee "código azul". Igual medida rige para Frigorífico Mercantil  nica de Servicios SA (MUSSA). La categoría "azul" significa que el muestreo para análisis de laboratorio de los productos se ha acabado y solo se espera el resultado de las muestras para mantener la autorización, o en su defecto establecer la suspensión, como fue el caso de Frisa.

Las plantas que est n con código verde, plenamente autorizadas para la exportación a dicho destino, son: Transchaco de la Cooperativa Neuland; Frigochorti de Loma Plata, Frigomerc de Asunción; frigorífico Expacar; Frigochaco de Limpio; Frigorífico Guaran ; Nav & Com SRL y UPISA, de Itapúa.

Al cierre de julio, Rusia import  de Paraguay 57.975 toneladas de carne por US\$ 191,2 millones, representando el 41% de nuestros envíos.

El primer envío de carne a Panamá será de 5.000 Ton.

09 de Agosto de 2015 El grupo empresarial panameño Fortunato Mangravita SA proyecta para noviembre de 2015 la primera compra de carne paraguaya cuyo volumen anual superar  las 5.000 toneladas, según su gerente general Ricardo Mangravita.

"Ya es apenas una cuestión de papeleos para comenzar a importar carne desde Paraguay. Se ha dado esto con una armonía muy impresionante que nunca pens  será tan rápido. Se ven las ganas y la voluntad de parte del Gobierno paraguayo para hacer esta gestión. Definitivamente vamos a hacer



negocios con Paraguay”, dijo entusiasmado el empresario panameño durante una reciente visita a directivos del Fondo Ganadero, cuya gestión consideró determinante para el enlace con frigoríficos nacionales.

Fortunato Mangravit SA es la empresa más importante que tiene Panamá en el rubro de procesamiento de carne, la segunda planta más grande de la región después de Brasil, con más de 6.500 metros cuadrados de planta para fabricación de hamburguesas para McDonald's y otras franquicias internacionales y locales.

Según Mangravit, la firma vende a Surinam, Trinidad y Tobago, Costa Rica, Cuba, Honduras, etc. Además inició negociaciones con Colombia y está abriendo mercado en El Salvador. Destacó que Panamá se presta para un hub (centro) de carne con Paraguay con miras a distribuir el producto a todo Centroamérica. “Panamá puede ser la base y de ahí exportar a otros países”, dijo.

Volumen de exportación

En otro momento, Mangravit informó que se está esperando completar las documentaciones elaboradas por los técnicos veterinarios de Panamá para que, a más tardar en noviembre de este año, Paraguay pueda enviar ya la primera carga de carne hacia Panamá. Mientras, se trabaja en la logística.

En principio se habló de una exportación de 1.200 toneladas trimestrales y 4.800 toneladas/año. Sin embargo, después de visitar nuestro país y ver la infraestructura y calidad de producción local, se abren posibilidades de incrementar el volumen, destacó el visitante.

El negocio del rubro cárnico con Paraguay no se limita solo a la carne vacuna, ya que se contempla también la posibilidad de adquirir carne porcina.

Panamá importa actualmente 1.000 toneladas mensuales y se podría sustituir con la producción paraguaya, concluyó.

Atribuyen la suba de precio del ganado a lluvias y a la vacunación Cotización en ferias alcanza pico histórico

11 de agosto de 2015 | El lento avance de la tercera campaña de vacunación contra la aftosa, que se extenderá hasta el 4 de setiembre próximo, y las últimas lluvias en zonas ganaderas, entre otros factores, han propiciado una disminución de la oferta de ganado y la suba temporal del precio de los animales en ferias, que se irá regularizando, dijo ayer el titular de la ARP, Germán Ruiz.

El precio promedio conjunto de las tres categorías de ganado que se comercializan en las ferias de consumo registró un pico histórico de G. 8.511 por kilo, que supera en un 3,22% a las cotizaciones de ganado de setiembre del 2011, época del anterior récord, con G. 8.245 por kilo (antes del último foco de aftosa), según los datos unificados de las cuatro grandes firmas rematadoras: Ferusa, Codega, El Rodeo y El Corral.

El anterior récord en la cotización promedio de la categoría vacas se produjo el 15 de setiembre de 2011, con G. 7.575 por kilo, en tanto que en los últimos días esa clase de animal se ofertaba por G. 8.196 por kilo, 8% por encima del máximo registro anterior.

A su vez, los precios promedio de novillos se ubicaron casi en el mismo nivel que alcanzaron antes del último brote de fiebre aftosa.

En 2011 llegó a G. 8.602 por kilo, y de acuerdo con los datos de ayer, el encarecimiento hizo que se ofertara a G. 8.564 por kilo, en promedio, solo 1% por debajo del anterior pico.

En la categoría toros también hubo encarecimiento, pero solo un 2,5% por encima del récord de G. 8.560 en 2011. En el presente se oferta a G. 8.774 por kilogramo.

Precio de la carne: monitoreo del Sedeco

Según el último monitoreo de precios de la carne realizado en supermercados capitalinos por la Secretaría de Defensa al Consumidor (Sedeco), las cotizaciones de los once principales cortes de la proteína roja están, en promedio, un 7% por debajo del pico alcanzado en 2011.

Con el auge de las exportaciones de hace cuatro años, el corte conocido como “asado” se comercializaba, en promedio, a G. 14.016 el kilo, mientras que el promedio de julio del corriente año llegó a G. 13.240 por kilo, según la Secretaría de Defensa del Consumidor.

El puchero de primera se ofrece actualmente en G. 12.938 el kilo, un 7% más que durante 2011.

El precio de otro corte popular, el de la carnaza de primera, aumentó levemente, 1,35%. En el presente se oferta a G. 30.540, contra G. 30.131, según los datos del periodo comparado del 2011 de la encuesta oficial.

ARP impulsará un programa de carne natural certificada

13 de Agosto de 2015 La Asociación Rural del Paraguay impulsará la ejecución del “Programa de Carne Natural”, que pretende identificar una serie de medidas necesarias para fomentar la sustentabilidad de la cadena de abastecimiento de la carne, según informó el gremio presidido por el doctor Germán Ruiz.

Destacó que el programa contará con el apoyo de la Fundación Solidaridad Latinoamericana.



“El programa apunta a la identificación y diseminación de buenas prácticas de manejo, indicadores de avance, mecanismos de divulgación y otros elementos claves para posicionar a la carne paraguaya como un producto generado naturalmente”, señaló.

También dijo que tiene como objetivo establecer las bases de los estándares de la producción de carne natural del Paraguay y que los mismos puedan servir como instrumento que coadyuve a la continua mejoría de la producción bovina, hacia una mayor eficiencia y productividad.

Anunció que el lanzamiento de ese emprendimiento se realizará el próximo lunes 17, del corriente mes, a las 11:00, en la sala de reuniones de la comisión directiva de la ARP, en Mariano Roque Alonso.

En la oportunidad, directores y encargados del programa proporcionarán los datos sobre este proyecto que beneficiará y posicionará en un nivel aún mayor a nuestro país, indicó.

UNIÓN EUROPEA

RUSIA prorroga barrera a exportaciones comunitarias por doce meses más

TheCattleSite News Desk 14 August 2015 EU - On 6 August 2014, Moscow announced an embargo on imports of a range of agricultural products from the EU, applicable from 7 August. One year on, it is clear that the EU agri-food sector has been remarkably resilient.

In most regions, most of the affected sectors have been able to find alternative markets, either within the EU or beyond.

Whereas Russia accounted for 10 per cent of EU agri-food exports in 2013 (and the products banned amounted to 4 per cent), the value of overall exports have increased by 5 per cent from August 2014 to May 2015, compared to the same period of the previous year (these are the most recent available figures). Major gains have been achieved in the value of exports of agri-food products to the USA, China, Switzerland and other key Asian outlets, such as Hong Kong and South Korea, but also on most other world markets.

Among the banned products, meat has done particularly well by actually increasing exports. Exports of dairy and fruit and vegetables have gone down by 10 per cent and 12 per cent respectively, which is not surprising given the significant volumes that previously went to Russia, but the value of exports to non-EU markets (excluding Russia) has increased considerably.

While the Commission has provided support to stabilise markets in response to the ban – notably for dairy and fruit & vegetables, as well as particularly targeted measures for dairy producers in the most affected countries - all actors (the Commission, Member States, the industry, farmers) have learned to diversify exports to new markets, or, in some cases, adapt their production.

For example, the dairy sector has seen a global increase in the share of SMP production. The Commission has also provided additional support for promotion, notably on third country markets.

The Commission has intensified negotiations aimed at concluding trade agreements. For example, just this week, a new agreement with Vietnam was reached.

Moreover, the Commission has pursued talks to lift trade barriers on various third country markets.

Some successes have already been noted with, for example, the opening of the Canadian market for pears (from Belgium) and apples (from Poland) - two important markets with a global market value of more than € 300 million, the approval of Hungarian frozen beef for China, the acceptance by Japan of the EU approach for Listeria.

REINO UNIDO crisis lechera induce liquidación de vientres

TheCattleSite News Desk 12 August 2015 – Dairy sector difficulties and a weak euro have begun to erode cull cow prices in recent weeks following a “remarkably stable” first half of the year.

According to the Agriculture and Horticulture Development Board, strong demand for cheap beef cuts supported UK cull cow values from New Year into early summer, although this has taken a recent turn.

“This is most likely linked to an increase in the supply of cows for slaughter, largely on the back of the challenging market conditions in the dairy sector,” said AHDB.

“Although lower feed, fertiliser and fuel prices will have countered some of the difficulties for few producers, for most these remain challenging times.”

AHDB said reports suggest dairy farmers are culling out more unproductive animals to make better use of grazing for higher yielding cows.

Furthermore, AHDB analysts stressed the role of the euro in hampering exports, with the July euro being worth around 70 pence, eight pence down on June.



ESTADOS UNIDOS

Existencias ganaderas aumentarán un 3 por ciento a enero de 2016

10 August 2015 US – America's cattle inventory is forecast to stand at 92.4 million head by January 1 2016 after lifting three per cent and then increase to 94.6 million head by 2017.

The Livestock Marketing Information Centre projection is based on recent changes in breeding numbers and culling practices, according to leading industry analysts at the Chicago Mercantile Exchange.

All key breeding animal categories came in higher in the US Department of Agriculture mid-year cattle report, explained Len Steiner and Steve Meyer in their Daily Livestock report last week.

The report said: "This year will be the second consecutive year of significant increases in heifers being developed for breeding purposes and sets the stage for further herd growth, mainly of beef-type heifers over 500- pounds.

"The bulk of the breeding herd growth for the next few years is expected to be in beef rather than dairy-type cows. In both 2014 and 2015 the size of the calf crop increased.

"The preliminary USDA-NASS estimate for the 2015 U.S. calf crop is 34.3 million, up 1.2 per cent or about 400,000 above 2014's. That number could be revised higher."

Informe Rabobank: Analiza recomposición del stock luego de la sequía

FuseworksPress Release: Rabobank – 10/08/15 After the drought-induced decline in the US beef cow herd in recent years, the industry is making a mends and rebuilding its depleted numbers, with expectations to grow by more than three million head in the next three-to-five years.

With around 50 per cent of New Zealand's beef exports destined for the US, the rebuilding of the US cow herd may impact the strong demand for Kiwi beef seen in recent years, according to Rabobank.

In its recently-released report titled 'Beef cow repopulation - the case for diversification', Rabobank says that the economic signals for rebuilding the US herd are clear, and in the next four to six years, the location of the US cow herd is going to look "considerably different" than it did before the 2011 drought.

Report co-author, US-based Rabobank Food & Agribusiness Research and Advisory (FAR) senior analyst Don Close says the initial growth phase will be relatively quick and will flatten out.

"We are going to see the process happen in two phases and in different geographies than we would have seen a few years ago," Mr Close says.

"The excess capacity in the southwest and high plains will fill out first. Once that area has repopulated, rebuilding will occur in the central US - mainly in the Dakotas and into the Corn Belt.

"What is worth noting is that the rebuilding of the US herd will hopefully return the industry to a place of less market volatility for all market segments. Once cow numbers are rebuilt, there should be a levelling off of replacement cow prices which have remained at historically high levels since the 2011 drought."

Mr Close says this shift will create opportunities for new winners to emerge, and will challenge historical models of calf production, feeder acquisition, and crop-producing businesses.

"Although it will depend on factors such as exports and weather, I expect a total of 3.5 to four million head more than the 2014 low of 29 million beef cows," he says.

"Of that total, 1.7 million head will come from newly-developed capacity in the central US - areas typically focused on row crop production."

Given the importance of the trends in the US beef market that can closely impact the New Zealand beef market direction, local [NZ] beef producers will be watching closely to see how this re-establishment of the domestic US herd unfolds.

Rabobank animal proteins analyst Matt Costello says that while the developments taking place in the US herd are certainly relevant for the local New Zealand beef export market, the outlook for New Zealand's beef exports remains very positive.

"We had always expected that at some stage the US herd would 'turn the corner' and begin to rebuild," Mr Costello says.

"Over time, the increase in US slaughter cattle will likely lead to a softer demand picture for New Zealand beef exports, but we expect the local market prices to hold firm for the medium term. This view is also being supported by a weakening New Zealand currency relative to the US. "

One key reason behind this forecast, Mr Costello says, is the decline in the Australian beef cattle herd, which is a major exporter to the US, and a key competitor to New Zealand's beef export sector.

"We're going to see a contracting supply scenario in Australia play out over the coming years following near record cattle slaughter numbers that have kept coming since 2013 - this reduction in supply from Australia is positive news for the New Zealand beef industry given Australia is the major competitor to New Zealand lean beef exports," he says.

"Competition will remain fierce in the US market, particularly from other protein sources, but New Zealand is in a great position to remain a significant exporter to the US beef market in the coming years."



Exportaciones restringidas por escasa oferta y reducida competitividad en el primer semestre de 2015

14 August 2015 US - International trade is a hot topic in the protein markets, and with good reason, write Steve Meyer and Len Steiner.

Looking at the first half of 2015, comparing exports year-over-year, shows a volume decrease of 9 per cent for beef, 5 per cent in pork, 9 per cent for broiler, and 21 per cent for turkey. The long-term trend has been growing US exports, mainly due to powerful income shifts in other countries, creating a growing middle class and giving people more purchasing power to achieve increased consumption of animal based proteins in their diet.

While recent numbers are concerning for the domestic industry, we need to reflect on what has transpired in the market place so far in 2015.

This includes: western port issues, a significant increase in the value of the dollar relative to other currencies, Russian trade bans on US (and other countries') meat and poultry, significant economic slow-down in China, and some countries temporarily suspending poultry from certain states or from all US sources due to HPAI.

In addition to this mix of 2015 specific circumstances, the US has experienced supply shifting parameters across the protein industries.

The beef sector continues to see extremely tight cattle and beef supplies, with 2016 forecasted as the first year-over-year increase in beef production since 2010.

Pork production has rebounded very quickly in 2015, after being hit hard by PEDv in 2014 which significantly reduced supplies at the time.

The poultry industry faced significant challenges with HPAI this year and although mainly affecting the egg laying industry, trade ban effects were also felt in the poultry markets (broiler and turkey).

Let's put the recent export numbers into a bit more context, that is, relative to production levels.

In calendar year 2014, the beef industry exports represented 11 per cent of domestic production, pork 21 per cent, broilers 19 per cent, and turkeys 14 per cent.

Of course, meat production is measured in carcass weight and poultry in ready to cook weight so the tonnage of variety meats and other items sold to foreign markets are not included.

So, when taking into account how production has changed the first half of 2015 compared to 2014, how are trade volumes really faring in each industry?

For the first half of 2015 compared to the same time-frame in 2014, the beef sector has experienced a 0.5 per cent decrease in export volume relative to production year-over-year, that is, exports represented 10.3 per cent percent of production last year and that dropped to 9.8 per cent this year. That is a modest change.

This calculation helps to bring into context the 4 per cent reduction in supply and the 9 per cent decline in export volume the industry experienced through June of 2015.

Also, important to note on the beef side are import levels. For the first half of the year beef imports were up 37 per cent compared to 2014. Through the first half of 2014, import volumes represented 11 per cent of production; the first half of 2015 saw that percentage rise to 16 per cent of production.

Compared to beef, the pork and broiler industries have had more change in this measure so far this year.

Through June, in 2014 pork export tonnage was 23 per cent of production while in 2015 exports were 20 per cent of production. That change is the result of 7 per cent more pork produced with a 5 per cent decrease in export volume the first half of 2015 compared to 2014.

The broiler sector had export volume in 2014 making up 19 per cent of production and in 2015 that percentage slipped to 17 per cent. This encompasses a 4 per cent increase in production and a 9 per cent decrease in exports through June 2015 compared to 2014.

Through June, turkey exports have significantly declined year-over-year (down 21 per cent) with production up 2 per cent (note on a quarterly basis, most of the year-on-year drop in U.S. turkey output caused by HPAI is expected to occur in the third quarter).

The first half of 2014 recorded turkey exports at 13 per cent of production, 2015 saw exports at 10 per cent of production levels. In the case of turkey, sliding exports helped compensate for the domestic production shortfall.

While changes in supply are not the only factor affecting export volumes, the relationship between exports and production often provides a clearer picture of the health of the export markets.

On this basis it's clear how much more dependent on the US pork and broiler industries are on exports compared to beef.

Additionally, as indicated in the accompanying graphic, this relationship demonstrates more consistency and stability in the numbers over the long run than one might expect, however recent volatility in the export volumes is demonstrated in the graph.



In the big economic picture, at this time, 2016 seems to have more uncertainty in key overseas markets compared to the domestic outlook. Stabilisation in the world economy could lead to some modest year-over-year gains in US export tonnage.

Firmeza del dólar y elevados precios complican exportadores estadounidenses de carnes vacunas

13 August 2015 Ron Plain US - The strong dollar and high US beef prices are having a negative impact on US international beef trade.

During the first half of 2015, beef imports were up 36.9 per cent and beef exports were down 9.4 per cent, write Ron Plain and Scott Brown, University of Missouri. Australia shipped 502.9 million pounds more, New Zealand supplied 77.3 million pounds more, and Mexico sold the US an additional 58 million pounds compared to a year ago.

Mexico bought 52.2 million pounds less US beef, Hong Kong 47.9 million pounds less, and Canada 23.6 million pounds less than in January-June 2014.

US beef imports totaled 339.6 million pounds during June. That was up 34.8 per cent from a year ago. The increase was caused by more beef from most major suppliers, except for Canada. Shipments from our biggest supplier, Australia, were up 55.5 per cent .

US beef exports totaled 214 million pounds in June, down 9.1 per cent compared to 2014. Purchases by Mexico, Japan, Hong Kong, and Canada were each down by more than 5 million pounds. South Korea and Taiwan each purchased more US beef than in June 2014. Beef exports during June equaled 10.7 per cent of US production. Beef imports in June equaled 17.0 per cent of production.

Domestic beef demand was up 2.4 per cent in June, but foreign demand for US beef was down 7.4 per cent –

OMC fija una audiencia para arbitrar en el conflicto planteado por Canadá y México por las normas de rotulado de origen (COOL)

12/08/15 - por Equipe BeefPoint O Órgão de Solução de Controvérsias da Organização Mundial de Comércio (OMC) marcou reuniões de audiência de arbitragem para 15 e 16 de setembro, em Genebra, Suíça, para considerar as tarifas de retaliação propostas por México e Canadá contra os Estados Unidos referente à disputa por causa da rotulagem do país de origem (COOL), de acordo com o Instituto Norte Americano de Carnes.

O Canadá e o México estão querendo impor mais de US\$ 3 bilhões em tarifas de retaliação sobre os bens dos Estados Unidos após a decisão tomada em maio pelo Órgão de Apelação da OMC que determinou que a lei de COOL violam as obrigações comerciais internacionais dos Estados Unidos e discriminam ilegalmente contra os animais importados do Canadá e do México.

O Serviço de Representação Comercial dos Estados Unidos (USTR) registrou uma queixa legal contra essa retaliação buscada pelo Canadá e pelo México, dizendo que é uma superestimação dramática dos danos. Os EUA pediram que a OMC rejeitasse esses valores propostos pelo Canadá e pelo México, e, ao invés disso, determinasse que os totais não poderiam passar de US\$ 43,22 milhões e US\$ 47,55 milhões, respectivamente.

Em junho, o Parlamento dos Estados Unidos aprovou a lei que revogava a COOL para carne bovina, suína e de frango por 300 votos a 131. Ao mesmo tempo, surgiram propostas no Senado americano, com alguns senadores introduzindo a Rotulagem Voluntária do País de Origem, que estabelecería um rótulo voluntário de "Produto dos Estados Unidos" para carne bovina, suína e de frango, além de carne moída, de animais nascidos, criado e abatidos nos Estados Unidos, enquanto outro senador propôs uma lei de transportes, que revogaria a COOL para carnes.

Canadá e México se opõem à rotulagem voluntaria também e já informaram sobre sua intenção de impor medidas de retaliação se a COOL não for totalmente revogada.

AUSTRALIA

Australia mejora sus exportaciones de carne vacuna a Estados Unidos

Las exportaciones de carne de vacuno de Australia al país norteamericano fueron nuevamente importantes durante el mes de julio, con volúmenes que crecieron un 20 % con respecto al año pasado, alcanzando 44,290 toneladas y totalizando 271,439 toneladas en lo que va de 2015.

La baja en el dólar australiano y los ajustados suministros internos de carne permitieron el aumento de las exportaciones. Además, si bien algunos reportes indican algunas dificultades para la colocación de ganado de origen, sumado al aumento de precios del ganado en pie, la fuerte demanda de la importación de carne vacuna en Estados Unidos continúa atrayendo productos de los exportadores.

Otro aspecto positivo del aumento de los volúmenes de comercio de los EE.UU. es que ha sido en toda la gama de los recortes, lo que sugiere que todo el canal está generando una buena relación. Los cortes



refrigerados muestran el mayor crecimiento año a año hacia los EE.UU. Durante julio fueron nalga, tira de lomo, rollo cubo y lomo, mientras que los volúmenes interiores refrigerados también fueron fuertes. China también registró aumentos del 27 % en los volúmenes de importación de carne australiana en julio, con 13.915 toneladas. Los envíos a Japón disminuyeron un 6 % año a año, a 24.703 toneladas

Valor exportado hacia la UE en 2014/15 creció un 17 por ciento

The rise in value was underpinned by higher volumes shipped to the market (with 2014-15 exports up 5pc on the previous year, at 24,307 tonnes swt) and generally higher unit values for beef, mostly driven by the strong grainfed beef demand.

The EU remains Australia's highest value export market on a per tonne basis for beef, with shipments averaging \$11,270/tonne, up 11pc year-on-year.

In contrast, the value of Australian lamb exports to the EU totalled \$107 million, down 7pc year-on-year, with shipments down 11.6pc for the same period, to 12,323 tonnes swt.

A decline in shipments (down 16pc year-on-year, to 4,487 tonnes swt), saw mutton export values decline 19pc to \$33 million in 2014-15.

Exportaciones de menudencias: EGIPTO principal mercado para los hígados

13 August 2015 Egypt has continued to grow as a major market for Australian beef liver, with 2014-15 shipments increasing fourfold year-on-year, to just over 9,000 tonnes swt. In fact, the strength of Egyptian demand has pulled product away from Australia's other traditional market, South Africa, which received about 11,500 tonnes swt last financial year. The additional competition in the market has supported prices, with Halal liver averaging \$1.88/kg in July, up 76% year-on-year and commanding a 67¢/kg premium over non-Halal product.

Other beef offal items did not trend dearer over July. Product traditionally destined for the Japanese market was stemmed by Australia quickly filling its allotted September quarter edible beef offal quota, of 4,350 tonnes swt, with product outside the quota subsequently imported under a higher tariff rate. Rumen pillars, in particular, eased in July, with 500-700g product averaging \$3.65/kg over the month, back 34% year-on-year.

Most sheep offal prices were steady month-on-month but remained below year ago levels. Sheep kidneys recorded some improvement, averaging \$3.10/kg (Halal) in July, after declining to a market low of around \$2.30/kg late last year. Sheep liver prices also improved, averaging \$1.67/kg (Halal) over the month, up 85% year-on-year.

INDONESIA incrementó la cuota de importación de hacienda en pie

12 August 2015 The Indonesian government has announced that the state logistics agency BULOG will bring in 50,000 head of ready-to-slaughter cattle, in response to a beef shortage and soaring prices in the market.

The government made changes to its live cattle import regulations earlier this month. The revision includes a clause to allow State Owned Enterprises (SOE) and importers to bring in ready-to-slaughter cattle to stabilise supply, based on recommendations by the Ministry of Agriculture.

Australia predominantly supplies Indonesia cattle 15 to 18 months old that weigh around 300kg (less than 350kg per head), to be fed at local feedlots for about four months. The recent news on slaughter cattle imports reflect the substantial shortage of beef in the market and the need for an immediate resolution.

Beef prices have been high even after the strong demand season (Ramadan and post-Ramadan Idul Fitri festive period). In-market information suggests that beef in wet markets is trading between IDR125,000/kg (A\$12.50) or even IDR140,000 (A\$14), more than 30% higher than the average before Ramadan. For a country with GDP per capita below than US\$3500, the price increase is causing serious dissatisfaction among consumers.

INDIA

Lidera mercado mundial de carnes bovinas, superando a BRASIL

8/10/2015 - by MEAT+POULTRY staff KANSAS CITY, Mo. – India is where the water buffalo roam and the reason the country was the No. 1 beef exporter in the world in 2014, according to the US Department of Agriculture. India, which exported 5.3 billion lbs. of beef, widened its lead over Brazil (4.4 billion lbs.) and Australia (3.3 billion lbs.). India accounted for 23.5 percent of beef exports in 2014, compared to 20.8 percent in 2013.

It is water buffalo, not beef from cattle, that has helped propel India to the top. Water buffalo is a member for the bovine family and classified as beef by the USDA.

Water buffalo is a chewier and cheaper alternative to beef. It is eaten mostly by consumers in Asia and the Middle East, who are demanding more animal protein in their diets.



According to CNN, the water buffalo trade has been growing rapidly and now earns India more export dollars than basmati rice.

India is 80 percent Hindus, and Hindus consider cows as sacred. There are no LongHorn Steakhouses in India, considering the restrictions on cattle slaughter. However, water buffalo slaughter is not included in the restrictions.

Interestingly, water buffaloes are needed to keep India's huge domestic dairy industry going, according to CNN.

Vietnam is the top importer of water buffalo, but China may be the top consumer, considering that 40 percent of the water buffalo imported to Vietnam is sent to China.

India beef exports Holy cow! India is the world's largest beef exporter

A country where cows are sacred is exporting a record amount of red meat.

India was the world's top beef exporter last year, according to the U.S. Department of Agriculture, widening its lead over other more established suppliers such as Brazil and Australia.

That's because India exports large quantities of meat from water buffalo -- a member of the bovine family classified as beef by the USDA.

The buffalo trade has been growing rapidly and now earns India more export dollars than basmati rice.

India's buffalo meat -- a chewier and cheaper alternative to beef -- mostly ends up on plates in Asia and the Middle East, where rising wealth is spurring demand among diners for animal protein.

But India's role in the global meat trade sticks out in the largely Hindu country where vegetarianism is widespread.

The cow is revered in Hindu culture, the religion observed by roughly 80% of India's 1.3 billion people, and restrictions on cattle slaughter apply in most states.

Crecen las acciones de grupos religiosos para proteger al Ganado bovino

The Wall Street Journal August 6, 2015 8:26 PM KOLKATA—Sitting outside a tiny office beneath a colorful portrait of a bull, members of the Bharatiya Janata Party's Cow Development Cell relive their recent exploits: setting up road blocks, stopping cattle trucks and freeing cows bound for the slaughterhouse.

"We have to do it to save our cow mother," says Subrata Gupta, head of the state of West Bengal's branch of the group, an official arm of Prime Minister Narendra Modi's political party.

Across India, the status of the cow—an animal deeply revered in Hinduism—is emerging as a divisive issue. Conservatives emboldened by the rise of Mr. Modi's BJP, which has Hindu nationalist roots, are seeking stricter limits on beef eating.

The western state of Maharashtra, home to India's financial capital of Mumbai, this year expanded its ban on cow slaughtering to add bulls and bullocks to the list. The BJP-governed state of Haryana recently imposed stricter punishments to protect the cow.

In March, Indian Home Minister Rajnath Singh called for a nationwide prohibition on beef, saying: "How can we accept that cows should be slaughtered in this country? We will do our best to put a ban on this, and we will do whatever it takes to build consensus."

Mr. Modi won broad electoral support with an inclusive message of economic revival in a nation of myriad religions, languages and cultural traditions. But the government has also worked to promote yoga, a practice with roots in Hinduism, as well as Sanskrit, an ancient tongue that is used as Hinduism's liturgical language.

Some Muslims contend the beef bans and other steps are aimed at them. "The BJP is trying to make Muslims feel like they're not Indians," says Siddiquallah Chaudhary of Jamiat-Ulama-i-Hind, a national Muslim-rights organization.

Jesse Pesta/The Wall Street Journal Members of India's ruling party Cow Development Cell in Champahati point out the places in the village where they stopped cattle trucks and released animals.

It isn't just Muslims who object. "These religious things are spreading everywhere," says Anubhav Chakraborty, who is Hindu yet opposes banning beef on the principle that it erodes India's secular tradition. Earlier this year, Mr. Chakraborty planned a beef-eating event in the West Bengal capital of Kolkata—dubbed the "yummy protest" in local media—to challenge the bans.

He had to cancel at the last minute in a dispute with his venue, but he says he'll try again. Similar beef-eating protests have been staged elsewhere. His mother and co-organizer, Ramala Chakraborty, argues that India is too poor not to do something useful with cows that are no longer giving milk or doing productive work. "We will have an empire of cows," she says.

BJP spokesman Nalin Kohli says that those who complain about efforts to end cow slaughter "should begin by reading the constitution of India." That document, which guarantees freedom of religion, says the state should modernize agriculture and animal husbandry and take steps for "improving the breeds, and prohibiting the slaughter, of cows and calves."



Still, selling beef is legal in West Bengal and a handful of states, and the country is one of the world's largest exporters of beef. Laws vary state-by-state, and much of the beef actually comes from buffalo, which isn't sacred in Hinduism.

Jesse Pesta/The Wall Street Journal A beef butcher in Kolkata, who said his business had fallen about 40% amid increased difficulty obtaining beef due to activism and pressure to curtail the trade.

Penalties for slaughtering cows vary in states where it is illegal. Gujarat, for instance, sets a maximum seven-year jail term and 50,000-rupee (\$780) fine, whereas in the capital city, Delhi, it's a maximum five years' jail and 10,000 rupees.

Cattle smuggling is common across India's border into Bangladesh, and members of Mr. Gupta's Cow Development Cell, which has set up "rapid-action groups" to stop cattle trucks despite having no legal authority, say they suspect the animals they liberated were headed there. The BJP's Mr. Kohli says the party doesn't support behaving in a "vigilante manner."

An hour's drive south of Kolkata in the village of Champahati, Mr. Gupta met recently with a rapid-action group that a few months earlier had blocked the road, stopping trucks and freeing 92 head of cattle. "Members of our group surrounded the area," says group member Anant Mondal.

A senior local police official said he was unaware of the incident.

Jesse Pesta/The Wall Street Journal A road near Barasat where activists stopped cattle trucks and released animals.

Mr. Mondal embodies a challenge for the BJP as it tries to appeal to a broad cross-section of Indians. He is also a member of Vishwa Hindu Parishad, a hard-line Hindu group associated with, among other things, the 1992 destruction of a historic mosque in Ayodhya, which sparked rioting that killed hundreds and, even today, echoes politically and socially.

Mr. Mondal expresses a fear of Muslim domination and worries that Muslims are tricking Hindu women into marrying them. "We have to fight," Mr. Mondal says.

This past January, a larger cattle-truck stoppage took place near the town of Barasat that involved right-wing activists. Several hundred animals were freed. A senior local police official declined to comment on the incident.

Debraj Mitra, 32 years old, said he was one of the participants. For years, Mr. Mitra says, the sight of cattle trucks troubled him. So he finally decided to act. "There is always a first time," he says. With Mr. Modi in power, "we might get support from the top."

Jagadeesh nv/European Pressphoto Agency An Indian man walked with his cow on a Bangalore street in April. Cows are deeply revered in Hinduism.

Recently the Mitra family met with Mr. Gupta, head of the West Bengal cell, on the outskirts of Kolkata. Mr. Mitra's mother, who is herself a BJP politician, paid Mr. Gupta a compliment, saying he looked younger than his 72 years.

"That is because of cow urine," Mr. Gupta replied. Some believers hold that drinking small quantities of cow urine brings health benefits; it is a practice shared among several local Cow Development Cell members.

Mr. Gupta described the BJP Cow Development Cell to the younger Mr. Mitra. "We've had many operations—one in Bongaon, one in Champahati, and another one in Gangasagar, and many others," Mr. Gupta said, naming several places around the state.

The two men agreed to keep in touch. "We need an organized movement," Mr. Mitra said.

VARIOS

CANADA: precios estimulan el crecimiento de las existencias de vacunos

12 August 2015 The high prices being paid for cattle in the US over the last two years have been reflected in markets in their northern neighbour, Canada. A significant reason for this has been the declining Canadian cattle herd, and subsequent drop in slaughter and beef production. In response, Canadian cattle producers are looking to increase numbers, but are constrained by a few factors.

The Steiner Consulting Group notes that Canadian cow slaughter in June and July was as much as 15% lower than the same time last year. In addition, heifer retention is particularly high. More and more cattle are being placed on feed, as a result of drought – but most of these are steers.

The low cow slaughter and heifer placements indicate that cattle producers in Canada are following the lead of their US counterparts in attempting to rebuild cattle herds. The differences, however, are the rainfall and pasture conditions – the US has seen a marked improvement this year, while Canadian cattle regions remain relatively dry. This could limit their ability to increase calf numbers in the near future. Compounding this is ongoing demand for live cattle from US feedlots and processors, who are offering good money to draw cattle south across the border.



RUSIA: extiende las sanciones para importar alimentos a Albania, Montenegro, Islandia y Liechtenstein

13/08/15 - por Equipe BeefPoint O primeiro-ministro russo, Dmitry Medvedev, anunciou nesta quinta-feira (13) que mais cinco países serão proibidos de exportar alimentos para a Rússia em resposta às sanções ocidentais.

“Uma série de países foi adicionada além dos membros da União Europeia (UE), a Austrália, o Canadá, a Noruega e os EUA, que foram proibidos de exportar alguns tipos de alimentos para a Rússia. Esses países são Albânia, Montenegro, Islândia e Liechtenstein, bem como a Ucrânia, em determinadas circunstâncias”, disse o primeiro-ministro durante uma reunião do governo.

Medvedev explicou que, no que diz respeito à Ucrânia, a proibição de exportação de produtos agrícolas para a Rússia entrará em vigor somente se o governo ucraniano implementar a parte econômica do acordo de associação com a UE, que Kiev assinou em junho do ano passado.

O premiê russo afirmou que Moscou decidiu dar até 1º de janeiro do próximo ano para se resolver esta situação econômica e, “após essa data, se nós não pudermos concordar com a mediação da UE, e não vejo qualquer sinal disto, definiremos um regime de comércio e embargos sobre os gêneros alimentícios para a Ucrânia. Essa é a nossa decisão”.

Em julho, Montenegro, Albânia, Islândia, Liechtenstein, Noruega e Ucrânia apoiaram a extensão das sanções antirussas por parte da UE até o dia 31 de janeiro de 2016.

Empresas de países como Noruega, Alemanha, Suíça, França e Polônia estão insatisfeitas com os resultados econômicos das medidas restritivas à Rússia. De acordo com um estudo divulgado pelo Instituto Austríaco de Pesquisas Econômicas (WIFO) em julho, a União Europeia poderia perder até US\$ 114 bilhões devido às sanções contra a Rússia, se não houver alteração nas relações.

EMPRESARIAS

Marfrig resultados del segundo trimestre reportan una reducción en las pérdidas

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 12/08/15 A Marfrig Global Foods fechou o segundo trimestre com prejuízo líquido (atribuído aos sócios da empresa controladora) de R\$ 6,148 milhões, ante a perda líquida de R\$ 55,089 milhões reportada no mesmo período do ano passado. A queda de 89% do prejuízo se deve, principalmente, ao impacto positivo da valorização do Real sobre as dívidas em moeda estrangeira da empresa.

No segundo trimestre, a receita líquida da Marfrig totalizou R\$ 4,728 bilhões, incremento de 24,8% na comparação com a receita líquida de R\$ 3,789 bilhões de igual intervalo de 2014. A receita líquida da empresa considera apenas as “operações continuadas”, retirando do cálculo a subsidiária irlandesa Moy Park, que foi vendida em julho para a JBS por US\$ 1,5 bilhão. Como a transação com a rival brasileira ainda não foi concluída, a Moy Park ainda é operada pela Marfrig, mas aparece como “operação descontinuada”.

Considerando apenas as “operações continuadas”, o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) da Marfrig no segundo trimestre totalizou R\$ 465,7 milhões, crescimento de 7,3% ante os R\$ 276,7 milhões de igual período do ano anterior. Na mesma base de comparação, a margem Ebitda da Marfrig subiu 1 ponto-base, de 7,8% no segundo trimestre de 2014 a 8,8% no trimestre encerrado em junho de 2015.

No fim de junho, a dívida bruta da Marfrig totalizava R\$ 13,444 bilhões, ainda considerando a Moy Park. Trata-se de um ligeiro aumento na comparação com os R\$ 13,400 bilhões do fim de março. Sem a empresa irlandesa, a dívida bruta cai para R\$ 11,936 bilhões. A dívida líquida atingiu R\$ 9,4 bilhões com a Moy Park e, considerando a venda da empresa, R\$ 5,6 bilhões.

O índice de alavancagem (relação entre dívidas líquida e Ebitda em doze meses) da Marfrig caiu para 4,8 vezes no fim de junho. Em 31 de março, esse índice era de 6,6 vezes. Considerando a venda da Moy Park, o índice de alavancagem pro forma da Marfrig cairia de 6,6 vezes em 31 de março para 3,8 vezes no fim de junho. Esse índice seria ainda menor, de 3,4 vezes, quando o Ebitda do segundo trimestre é anualizado, ou seja, quando o Ebitda da Moy Park é retirado.

Por fim, no balanço financeiro a Marfrig anuncia que registrou um fluxo de caixa livre ao acionista de R\$ 136,1 milhões no trimestre.

JBS menores ganancias en el segundo trimestre de 2015

Fonte: Exame.com e JBS, adaptada pela Equipe BeefPoint. 14/08/15 A JBS registrou lucro líquido atribuído aos controladores de R\$ 80,1 milhões no segundo trimestre de 2015. O resultado representa uma queda de 68,5%, na comparação com os R\$ 254,3 milhões do mesmo período de 2014. Em relação ao primeiro trimestre deste ano, quando o resultado somou R\$ 1,393 bilhão, o recuo foi de 94,3%.



Com a inclusão da participação dos minoritários, o lucro líquido da JBS entre abril e junho foi de R\$ 252,2 milhões, queda de 28,2% ante os R\$ 351,5 milhões de 2014. Em relação aos primeiro trimestre, quando o resultado apresentado foi de R\$ 1,528 bilhão, a queda foi de 83,5%.

O Ebitda ajustado da companhia produtora de carnes ficou em R\$ 3,577 bilhões entre abril e junho de 2015, um avanço de 47% frente aos R\$ 2,432 bilhões na comparação anual, e de 29,7% em relação aos três primeiros meses do ano, quando registrou R\$ 2,757 bilhões.

No relatório de resultados, a JBS explica que a despesa financeira líquida no segundo trimestre ficou em R\$ 2,3 bilhões, um aumento de 111,5% na comparação com o mesmo período de 2014.

No período, a companhia gerou R\$ 675,1 milhões em caixa proveniente de atividades operacionais. Com o impacto do pagamento pela aquisição da Tyson Foods no México, de R\$ 1,24 bilhão, além de despesas com proteção cambial, o fluxo de caixa livre ficou negativo em R\$ 1,415 bilhão.

A JBS encerrou junho com uma dívida líquida de R\$ 34,8 bilhões, avanço de 4,8% em relação a março, e de 40,8% na comparação com junho de 2014. A relação dívida líquida/Ebitda fechou o segundo trimestre em 2,4x, contra 2,3x em março deste ano, e 3,2x no mesmo período de 2014.

Quando incluídos os resultados proforma das aquisições realizadas a partir do 2º trimestre de 2014 (Tyson Brasil e México, Big Frango, Céu Azul e Grupo Primo), com incremento de R\$ 1 bilhão do Ebitda, a alavancagem ajustada ao final de junho ficou em 2,3x. A JBS possui 87% do seu endividamento em dólar.

“Os números do trimestre demonstram uma vez mais a solidez e a consistência em nossos resultados, fruto de um modelo de negócio desenvolvido ao longo dos anos com a construção de uma plataforma de produção diversificada, com acesso a consumidores no mundo todo e com um portfólio de produtos cada vez mais amplo e diversificado. Nosso foco na excelência operacional e a nossa disciplina financeira tem nos permitido mitigar os efeitos da volatilidade em nossos negócios”, afirmou Wesley Batista, CEO global da JBS.

“Continuamos focados na excelência operacional, na qualidade de nossos produtos, na ampliação da nossa base de clientes, na otimização dos canais de vendas, na ampliação do portfólio de produtos preparados de valor agregado e investindo em nossas marcas”, completou Wesley Batista.

Angus Brasil se prepara para exportar como marca a la Unión Europea

Fonte: Jornal do Comércio, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.12/08/15 - A chance de vender cota de carne bovina de alta qualidade à União Europeia (UE) intensificará as ações da Associação Brasileira de Angus para convencer produtores a se enquadrar nas exigências da região, como 100% de rastreabilidade do rebanho. A projeção foi feita pelo presidente da entidade, que promove iniciativas de desenvolvimento e ampliação do mercado da raça de pecuária de corte, José Roberto Pires Weber, em Porto Alegre. Segundo o dirigente, a possibilidade de produtores locais abastecerem plantas de abates e atingir a cota de 4 mil toneladas ao ano até 2019 para a UE dependerá da rastreabilidade dos animais que serão exportados com a certificação do Programa Carne Angus.

A carne ingressa na região em categoria de alta qualidade, com garantia de preço mais alto. Plantas do Marfrig já exportam à região dentro da chamada cota Hilton, que é acessada pela produção em diversos estados. O Brasil está perto de 95% do volume, segundo Weber. A baixa cobertura de rastreabilidade no Estado (menos de 140 propriedades seguem o sistema nacional, que não obriga a adoção do chip) será um dos obstáculos. Weber também apontou que a abertura de mercado nos Estados Unidos e na China deve criar condições para novos acordos no comércio internacional para a carne brasileira.

Weber admitiu que a valorização do produto, com alta de preços, que se mantém desde 2014 no Estado, com cotações das mais elevadas nas praças da pecuária brasileira, acaba direcionando matéria-prima para abates de comercialização interna. O programa Angus soma 5 mil produtores em oito estados, que entregam 330 mil cabeças a 23 frigoríficos em 2014. Em outubro, o programa será levado pela entidade de produtores, Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) e ApexBrasil à Feira de Anuga, na Alemanha.

Tyson cierra planta en IOWA por escasez de hacienda

Aug 14 (Reuters) - Tyson Foods Inc said it will cut beef production capacity due to a shortage of cattle and will close beef operations at its plant in Denison, Iowa, effective Friday.

Tyson said on Friday the 400 affected workers will be able to apply for jobs at other locations in the company.

"The cattle supply is tight and there's an excess of beef production capacity in the region," said Steve Stouffer, president of Tyson Fresh Meats.